

AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
CURSO: LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO COMO AUXILIADOR NO DESENVOLVIMENTO DA
AUTONOMIA DO EDUCANDO

Autor: Maria Lucia Miranda

Orientador: Prof. Me. Albérico Cony Cavalcanti

JUÍNA/2017

AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
CURSO: LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO COMO AUXILIADOR NO DESENVOLVIMENTO DA
AUTONOMIA DO EDUCANDO**

Autor: Maria Lucia Miranda

Orientador: Prof. Me. Albérico Cony Cavalcanti

“Trabalho apresentado como exigência parcial para a obtenção do título de graduação em Licenciatura em Pedagogia”.

JUÍNA/2017

AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA

CURSO: LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Fábio Bernardo da Silva

Prof. Me. José Natanael Ferreira

ORIENTADOR

Prof. Me. Albérico Cony Cavalcanti

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer...

A Deus primeiramente, por ter guiado meus passos até aqui.

A minha família, imensamente, minha mãe Ana Lucia de Souza Miranda, meu pai Sebastião Godoy Miranda, minha irmã Alessandra de Souza Miranda, meu irmão Alexsandro de Souza Miranda e meu cunhado Ronilson Jaques de Arruda, pois foram de fundamental importância na conclusão deste curso com êxito.

Aos meus professores que puderam, de certa maneira, colaborar com minha turma no desenvolvimento dos conhecimentos.

Às minhas amigas que me ajudaram no decorrer do curso, Franciele José da Conceição, que nunca mediu esforços para me ajudar no que precisei, Ivaneide Soares Ferreira, com quem dividi grande parte do tempo de faculdade, sempre fazendo trabalhos juntas e me ajudando, a Jaqueline Guedes Russo, que colaborou com meu crescimento durante esses anos de faculdade.

Ao meu orientador, professor Albérico Cony Cavalcanti, que sempre esteve ao meu lado tirando minhas dúvidas em relação à construção do trabalho de conclusão de curso.

A instituição AJES-Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena que me proporcionou a oportunidade de realização do curso de Licenciatura em Pedagogia.

DEDICATORIA

Dedico esse trabalho a minha família e amigos, que me apoiaram em minhas escolhas durante os anos de faculdade.

EPÍGRAFE

*“Mudar é difícil, mas é possível”
(FREIRE 2008, p. 79)*

RESUMO

A presente pesquisa abordou como o pedagogo pode auxiliar no desenvolvimento da autonomia de seus alunos, para que eles construam pensamentos críticos voltados para práticas de liberdade de autogovernar, de maneira a seguir as próprias leis. Tendo como objetivos a abordagem de acontecimentos que envolvem as tomadas de decisões que podem causar mudanças significativas na sociedade. Além do mais, observa-se que ao falar sobre autonomia deve-se estar ciente de que o ambiente escolar é um dos principais meios de formação da intelectual. Deste modo, procurou-se por meio deste trabalho, observar que existem alguns métodos facilitadores da formação de cidadãos autônomos, mas é importante ressaltar que isso não acontece de imediato, pois é preciso persistência de valores que busquem por meio do diálogo, o esclarecimento de suas ideias, permitindo ao outro uma interlocução saudável e tranquila, na construção de pensamentos críticos sobre o próprio fazer humano. Foram abordados, na pesquisa, alguns métodos e técnicas que facilita a compreensão dos processos educacionais e o desenvolvimento da autonomia. Para se chegar aos resultados foi preciso uma análise bibliográfica de escritas sobre o assunto, a fim de esclarecer as ideias. Para tanto, demonstrou como o professor pode atuar, de maneira eficaz, nesse auxílio à formação da autonomia que efetivamente contribui para formação de um ambiente escolar de qualidade, o qual transforme ideias tradicionais na busca por algo novo, guiados pela autonomia.

Palavras chave: Pedagogia da autonomia, professor, formação e alunos críticos.

ABSTRACT

The present research focused on how the pedagogue can help in the development of the autonomy of his students, so that they construct critical thoughts focused on practices of freedom of self - government, in order to follow the laws themselves. Its objectives are to approach events that involve making decisions that can cause significant changes in society. Moreover, it is observed that when talking about autonomy one must be aware that the school environment is one of the main means of training the intellectual. In this way, we tried to observe that there are some methods that facilitate the formation of autonomous citizens, but it is important to emphasize that this does not happen immediately, because it is necessary to persist in values that seek through dialogue, the clarification of Their ideas, allowing the other a healthy and quiet interlocution, in the construction of critical thoughts about human doing itself. Some methods and techniques that facilitate the understanding of educational processes and the development of autonomy were addressed in the research. In order to arrive at the results a bibliographic analysis of writings on the subject was necessary in order to clarify the ideas. In order to do so, he demonstrated how the teacher can effectively act in this aid to the formation of autonomy that effectively contributes to the formation of a quality school environment, which transforms traditional ideas in the search for something new, guided by autonomy.

Key words: Pedagogy of autonomy, teacher, training and critical students.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 A AÇÃO AUTÔNOMA E SUA CONTRIBUIÇÃO NA PERFORMANCE DA PEDAGOGIA.....	13
2.1 A PEDAGOGIA DA AUTONOMIA NA ATUALIDADE.....	18
3 AS VANTAGENS DE SE DESENVOLVER A PEDAGOGIA DA AUTONOMIA E IMPORTÂNCIA DO PEDAGOGO NESSE PROCESSO.....	25
3.1 O DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA NO AMBIENTE ESCOLAR.....	29
4 METODOLOGIA	36
5 CONCLUSÃO.....	38
REFERÊNCIAS	40

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa demonstra uma questão interessante: como o pedagogo, em sala de aula, poderá colaborar com seus alunos no desenvolvimento da autonomia?

A palavra autonomia, etimologicamente, significa “[...] o poder de dar a si a própria lei, *autos* (por si mesmo) e *nomos* (lei)”. (ZATTI. 2007, p. 12). Ou seja, é o poder de criar e estabelecer as próprias leis. Ao vinculá-la à educação identifica-se que o professor poderá, efetivamente, auxiliar seus alunos neste desiderato. Como? Dois modos são importantes de serem apreciados: a utilização da competência técnica, e a da competência emocional. Na primeira, com a competência técnica ajudará no desenvolvimento das disciplinas para que o aluno aprenda os conceitos, apropriando-se adequadamente de sua utilização. Na segunda, competência emocional, ele ajudará no desenvolvimento da autoestima, da autoimagem, da autoconfiança para que, com autonomia, o aluno faça significativas intervenções em sua área de atuação.

Portanto, a pesquisa tem como objetivo geral o esclarecimento de como o pedagogo, em seu ambiente de trabalho, poderá trabalhar de maneira adequada, na busca do desenvolvimento da autonomia de seus alunos. Dessa maneira, fica bem claro que o labor possui um caráter explicativo, pois procura, de maneira articulada, explicar fatores e fenômenos por meio racional e comprovações de seus questionamentos assegurados teoricamente.

Assim, avalia-se a importância da formação escolar crítica mediante a pedagogia de autogovernar, de se ter liberdade nas tomadas de decisões, caracterizando os meios mais viáveis de formar pessoas independentes e autônomas. Essas informações trouxeram relevância para a pesquisa, pois configura um trabalho sério, que promove, com eficiência, à aquisição de valores éticos e estéticos, subsidiando as intervenções pedagógicas, no dia-a-dia, na criação de clima propício para a criatividade, para a responsabilidade, na melhor maneira de deixar este trabalho como fonte de consulta a outros futuros pesquisadores.

O trabalho também proporcionou melhores conhecimentos sobre as articulações com a população escolar, intra e extramuros, no desenvolvimento da autonomia no contexto atual da educação.

Ao acompanhar as revistas hebdomadárias de maior circulação no país, tais como: Veja Época, Nova Escola, entre outras, assim como jornais e à própria televisão, constata-se que nossa educação vai de mal à pior. Logo, podemos avançar em dizer que o sistema educacional brasileiro possui dados negativos relacionados à educação. Poderíamos assim dizer que os pedagogos não estão cumprindo com o seu trabalho no tocante ao desenvolvimento da autonomia responsável, ética, cidadã, devido à defasagem educacional? Não. No decorrer do trabalho será esclarecido que os índices sobre a má qualidade de educação brasileira são advindos de um conjunto de fatores negativos que estão vinculados ao sistema educacional, como, por exemplo, ambientes desestruturados para o atendimento de educandos, a má remuneração de professores e membros de gestão escolar, etc.

Também foram analisados neste labor, como são formadas pessoas críticas e autônomas que efetivamente farão a transformação da sociedade para melhor, através da mudança que realiza consigo mesmas. De imediato, considera-se a colaboração dos professores como mediadores na construção do conhecimento. No entanto, nesta análise percebe-se que o profissional, técnico da educação, está como mediador, trabalhando em sala de aula. Isso fica claro quando se compara a educação brasileira com a dos demais países, portanto, se utilizou os resultados do Brasil no IDEB¹ – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica de 2015, numa análise geral de 70 países por meio do (PISA) Programa Internacional de Avaliação de Estudantes, aponta nossa posição na 63ª sendo uma das piores. Essa defasagem na educação acontece devido às falhas que existem no sistema educacional, na escola, com os professores, com os pais, que não atuam de forma consolidada, congruente, mas fragmentariamente. Uma solução para esse problema

¹ IDEB- é o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, criado em 2007, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), formulado para medir a qualidade do aprendizado nacional e estabelecer metas para a melhoria do ensino. O IDEB funciona como um indicador nacional que possibilita o monitoramento da qualidade da Educação pela população por meio de dados concretos, com o qual a sociedade pode se mobilizar em busca de melhorias. Para tanto, o IDEB é calculado a partir de dois componentes: a taxa de rendimento escolar (aprovação) e as médias de desempenho nos exames aplicados pelo Inep. Os índices de aprovação são obtidos a partir do Censo Escolar, realizado anualmente. As médias de desempenho utilizadas são as da Prova Brasil, para escolas e municípios, e do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), para os estados e o País, realizados a cada dois anos. As metas estabelecidas pelo IDEB são diferenciadas para cada escola e rede de ensino, com o objetivo único de alcançar 6 pontos até 2022, média correspondente ao sistema educacional dos países desenvolvidos. (Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/ideb-sp-1976574996>> Acesso em: 17 mar. 2017).

seria trabalhar em equipe, em que todos os membros do grupo pedagógico, de maneira geral, participassem das tomadas de decisões.

Por isso, ainda busca-se uma educação de qualidade, a qual promova a construção de valores educacionais para a formação de pensamentos críticos e nem no desenvolvimento da autonomia, projetando, por meio dessa arte, uma visão não otimista em relação a futuras possibilidades econômicas, políticas e sociais para a sociedade, que é formada pela constituição de todos nós. Em outras palavras, não haverá uma transformação social, se àqueles que a poderiam realizar, ou seja, os alunos, futuros cidadãos de nossa sociedade, não estão sendo formados para tal habilidade.

Paulo Freire, em *Pedagogia do Oprimido* (1987, p. 79), disse que: “[...] ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.” Portanto, em uma análise sobre essa afirmação, é correto afirmar que, a educação ocorre por meio de um grupo de pessoas, ou seja, a educação acontece por meio da interação entre os indivíduos. Dessa maneira, o convívio social faz com que sejam criados fatores educacionais.

Esta pesquisa enseja estudos posteriores relacionados à mesma temática, há outras dimensões educacionais. Portanto, o trabalho amplifica um debate, com olhar técnico e até mesmo do senso comum, sobre os descasos na execução de políticas públicas educacionais que, em verdade, são políticas de governo, pois de breve duração. Muda o Governo, muda-se a “estrutura educacional”. Para confirmar esta afirmação, se deve ter um olhar crítico sobre a atuação de ministros da educação no último governo. Nesta análise, percebeu que o índice de rotatividade é intenso, sendo que em quatro anos, já se teve cinco ministros, que são eles José Henrique Paim, Cid Gomes, Luiz Cláudio Costa, Aloizio Mercadante e José Mendonça Bezerra Filho, que esta até os dias atuais no cargo.

Para finalizar esta introdução, a educação pública deve ser compreendida como um meio para formação de pessoas críticas, criativas, responsáveis, educadas e livres. Como está na Lei Nº 9.394 de 1996, nos Projetos Políticos Pedagógicos, mas, em verdade, nota-se um grande descompromisso falta de valores, não havendo um trabalho eficaz que possa, pelo menos, esclarecer a sociedade na busca por resultados otimista que a beneficiará, pois não há, possivelmente, na maioria dos índices divulgados pelo próprio MEC – Ministério da Educação, um

trabalho que desenvolva que construa a educação voltada para os princípios formadores de cidadãos escolarizados criticamente.

Não abrimos mão de pensar e repensar sobre a atuação do pedagogo no auxílio do desenvolvimento de uma educação voltada para a autonomia, importante para o Município, para o Estado, para a Nação. O educador deverá, sempre, estar comprometido com a melhoria da realidade educacional, com um ensino de qualidade.

2 A AÇÃO AUTÔNOMA E SUA CONTRIBUIÇÃO NA PERFORMANCE DA PEDAGOGIA

A escola está inserida em um ambiente marcado pelas desigualdades sociais. Compreender as relações entre ela e o contexto político, econômico e social é de fundamental importância. Queremos buscar subsídios teóricos e instrumentos de reflexão que contribuam para colocar os professores, os pais e os alunos frente com esta realidade, de frente para a escola, de frente para a sociedade, percebendo-a em seus múltiplos aspectos. Compreender as razões que até hoje impossibilitaram superar o problema da educação de qualidade.

É preciso não só compreendê-lo e desvendá-lo, mas também agir nesta realidade escolar, no funcionamento das escolas e das práticas docentes, modificando os mecanismos que revelem distorções na formação de qualidade que sempre está muito bem estruturada no papel, mas que não funciona na prática.

Ao longo do desenvolvimento educacional, houve várias rupturas com relação às mudanças de períodos, porém, sempre se buscou o acréscimo intelectual das pessoas. Sua efetivação se deu por meio de novos métodos de ensino, os quais tiveram a necessidade de desenvolver um pensamento crítico de seus frequentadores, essas transformações aconteceram principalmente devido as mudanças no contexto social, no entanto, deve-se ser claro que não alcançaram o desenvolvimento intelectual integral, pois esse é um processo contínuo, que se aprimora com o passar do tempo, e um dos meios para se ter esse aprimoramento intelectual é se tendo autonomia.

Zatti (2007, p. 12) definiu que “[...] etimologicamente autonomia significa o poder de dar a si a própria lei, *autos* (por si mesmo) e *nomos* (lei). Não se entende este poder como algo absoluto e ilimitado, também não se entende como sinônimo de autossuficiência.” Ainda afirma que “Autonomia é oposta a ²heteronomia, que significa: toda lei que procede de outro, *hetero* (outro) e *nomos* (lei).”

Durante a trajetória da educação, pode-se perceber os grandes desafios enfrentados para o desenvolvimento de um ensino de qualidade que forme pessoas autônomas e críticas, que verdadeiramente promova ações edificantes, reflexivos,

²Heteronomia: Sujeitar-se a uma lei exterior ou ao anseio do outro; ausência de autonomia. (MARQUES, 1999).

coerentes, congruentes com uma vida social digna. Desafios esses, até mesmo de reconhecimento das massas populares, de que a educação é um dos fatores principais para a organização de um país.

Os estudos realizados ultimamente sobre a escola, como por exemplo, IDEB, que busca mostrar como está a educação, por meio de avaliações, aponta vários enfoques sociológicos, políticos, ideológicos e um dos pontos críticos estão nos mecanismos de seletividade nela presente, responsáveis pela repetência, expulsão de parcelas significativas de alunos e exclusão, em geral originários das populações mais pobres. Como resolver este problema? Sua solução não é somente técnica, é política, e passa pela capacidade de organização e da busca da população por seus direitos, o que inclui pais, alunos, educadores, funcionários, autoridades e trabalhadores de modo geral.

Na visão de Zatti (2007, p. 24), ao fazer atribuições das ideias de Rousseau, afirma que “[...] para que haja autonomia, a moralidade não pode estar fora da vontade racional do homem.” O que quer dizer isto? Significa que o ser humano tem que viver de maneira digna e responsável, respeitável, na expressão de valores que agreguem todas as bandeiras, indistintamente, pois a fraternidade e a solidariedade, para falar apenas destes dois valores, não possuem nacionalidade, sexo, étnica, religião. E está assegurado a todos, no exercício da cidadania. Observa-se assim, que as ações autônomas deverão possibilitar isto ao longo do tempo, na assunção das leis no próprio coração.

Outro fator de grande relevância para a conceituação de autonomia é a ideia defendida por (ZATTI, 2007, p. 25), que afirma:

A lei moral não deve ser definida de acordo com resultados específicos. Dessa forma a decisão de agir moralmente é a decisão de agir com o propósito de conformar a minha ação com a lei universal. Isso corresponde a agir segundo minha verdadeira natureza racional, e agir de acordo com as exigências de minha razão que é a de ser livre. Para Kant, a vontade dos seres racionais é capaz de promulgar a legislação universal a que se submetem, e esse é o princípio da autonomia.

Os brasileiros são conhecidos, por muitos povos estrangeiros, como sendo um povo fraterno, afável, com, possivelmente, a maior miscigenação de raças do mundo, portanto, com muitas culturas, mas isto poderá esconder desigualdades

acerbas. Aparentemente são divertidos, alegres, espontâneos, mas uma das mais desiguais do planeta.

As últimas avaliações quantitativas da educação, principalmente do IDEB, demonstram muita fragilidade, quando contamos os anos de estudos e os tomamos como indicadores de educação. Há uma enorme heteronomia, se assim pode-se expressar, com a importação de “educações”, de culturas muito diferentes da nossa, como é o caso da França, da Espanha etc.

É preciso consolidar uma ação e também uma postura, que atenda ao grupo social, para que haja eficiente concretude nas ações. É preciso seguir a própria razão, para o desenvolvimento da autonomia. Na visão de Zatti (2007, p. 25): “Kant discorda da noção do humanismo iluminista a qual os desejos emanam de nós e a vivência deles representaria uma espécie de autonomia.” Ainda continua dizendo que:

[...] o que realmente “emana de mim” é produzido pela razão, e ela exige que se viva de acordo com princípios. Essa perspectiva se rebela contra as que afirmam que a ação é determinada pelo fato dado, pelos fatos da natureza, em favor da própria atividade como formuladora da lei racional (ZATTI, 2007, p. 25).

Isso mostra que na visão de Kant, o indivíduo que se manifesta racionalmente, será autônomo e autodeterminante, capaz de fazer suas próprias escolhas no decorrer de suas vivências, ao fazer uma adição do pensamento de Kant utilizando das ideias freireanas, pois somente a razão iluminada não é suficiente. É necessário o coração iluminado para construção de uma autonomia que dê eficiente lastro a gestão de uma vida com qualidade para todos, sobretudo, para nossas crianças.

Então, segundo Zatti (2007, p. 27), “[...] autonomia para Kant é o crescimento racional, moral e livre, não em felicidade”. Portanto, mesmo estando feliz o ser humano pode não ser autônomo; poderá ter o sentimento ilusório de ser uma pessoa livre, mas gerado por uma aparência de autonomia de liberdade, que, possivelmente alienado, não percebe o sentimento equivocado. Ainda com o mesmo filósofo, vemos que “[...] a autonomia se dá na medida em que a razão determina, infalivelmente, à vontade. A vontade é uma faculdade de escolher aquilo que a

razão, independentemente da inclinação, reconhece como necessário, como bom.” (ZATTI, 2007, p. 74).

Na visão de Zatti (2007, p. 31-32), ao associar à ideia de Kant ao ensino compreendemos que “[...] a partir da pedagogia kantiana, podemos dizer que uma educação que vise formar sujeitos autônomos deve unir lições da experiência aos projetos da razão.” Pois é por meios de conhecimentos já construídos durante o tempo que se fortalecerá o desenvolvimento do pensamento racional “[...] porque no caso de basear-se apenas no raciocínio puro, estará alheio à realidade e não contribuirá para a superação das condições de heteronomia.”

Zatti (2007, p. 15), ainda continua dizendo que “[...] busca recuperar o sentido de autonomia considerando a totalidade do ser humano, considerando a racionalidade em sentido mais amplo que o instrumental, o que havia sido perdido pelos iluministas.” Pois o movimento do Iluminismo tinha como características a centralidade do pensamento, em que a predominância do pensamento científico e racional. É bom destacar que os iluministas nos seus ideais sobre liberdade acabaram gerando ações controversas a liberdade, isso principalmente com relação aos interesses em poder econômicos.

Paralelo ao pensamento kantiano percebe-se que aquela felicidade aparente, poderá ser formada pela ideologia que também não é ciência, entendida aqui como justificção de posições sociais, fato que se liga à ciência social, já não é possível fazer uma separação entre ciência e ideologia, que ao contrário do senso comum, pode ser aprimorada, produzida por pessoas com grande conhecimento, investindo na elaboração de uma ideologia erudita, teórica e factual, valendo da academia para conseguir assim maior credibilidade. Possivelmente se encontra no caráter sofisticado da ideologia o uso da ciência para consecução de seus fins, sendo assim, o que é desejado fica no plano ideológico.

É muito comum ver pretensiosamente, com dados fartos, dados estatísticos, a falácia da ideologia, aparentemente, com alta credibilidade, já que muitas pessoas preferem o que aparenta ser, a o que realmente é. Eis a sombra do poder e da desigualdade social. O poder se manifesta pela característica de fugir a constatação, a fim de legitimar-se sem oposição. Logo, o papel da ideologia é encobrir a tendência opressora do poder, “vendendo-a” como situação normal e desejável. É a linda aparência do disfarce inteligente do poder.

Então, mais uma vez, à razão e à autonomia, que, “observando-se” pensando os próprios pensamentos e “medindo” as ações, questionando-se constantemente, torna-se, cada vez mais, socialmente eficiente e eficaz, na elaboração da autorrealização, substancializada nas competências técnicas e emocionais.

Em Paulo Freire (2008), notou-se que o termo autonomia segue uma visão inovadora para os dias atuais, pois a mesma é vista como um conjunto de saberes que inseridos na educação, formará pessoas críticas, pensantes, que contribuirão com saberes a partir da reflexão dos assuntos, observa-se dessa maneira, que é por meio do ato reflexivo que acontece a construção dos conhecimentos. Sendo assim, o aprendizado, também se dá de maneira construída, esse formado ao longo da vida do indivíduo por meio de suas experiências.

Segundo Freire (2008, p. 10) procura uma pedagogia que seja “[...] fundada na ética, no respeito à dignidade e à própria autonomia do educando.” Deste modo, ao ser inserido esses princípios a educação, deve-se levar em consideração a postura do professor como um auxiliador na construção dos conhecimentos de seus alunos, mas é importante esclarecer que os educadores devem manter um ambiente propício para que aconteça o aprendizado de qualidade de seus educandos, neste caso terem autoridade dentro de seu ambiente de trabalho, ou seja, manter o controle dentro de sala de aula, tornando-se mediador, facilitador para que seus alunos alcancem os objetivos estipulados, num aprendizado significativo de qualidade. No entanto, não poderá, jamais, em sua prática pedagógica, ser autoritário, opressivo, impor os conteúdos seguidos na matriz curricular, em que os alunos, apenas codificam os códigos, não havendo a reflexão sobre os mesmos, essa educação, não pode ser a melhor maneira de mostrar o interesse nos alunos, pois sem a coerência da fraternidade, da solidariedade, da cooperação, em suas intervenções, “[...] de nada adiantará o discurso competente se a ação pedagógica é impermeável às mudanças”. (FREIRE. 2008 p. 10). Eis a autenticidade, a congruência, a coesão entre o discurso e a ação, resultando uma construção de qualidade.

Zatti (2007, p. 38), afirma em sua obra um dos pensamentos de Freire ao dizer que:

Ele não diz textualmente o que entende por autonomia e heteronomia, mas a partir de seu pensamento sócio-político-pedagógico podemos afirmar que autonomia são a condição sócio-histórica de um povo ou pessoa que tenha se libertado, se emancipado, das opressões que restringem ou anulam a liberdade de determinação.

Dessa forma, questões sócio-político-pedagógicas, são princípios da formação da autonomia no indivíduo, ou seja, para se tornar autônomo e se fazer uma pessoa com seus próprios pensamentos dentro da sociedade, é necessário ter noções do social, das políticas que organizam a coletividade e também ter um pensamento pedagógico em conduzir os educandos ao conhecimento, para que assim aconteça o desenvolvimento do indivíduo de maneira ampla, ou seja, em todos os aspectos, se tornando por meio deste uma pessoa livre capaz de fazer suas próprias escolhas.

Ao dizer que uma pessoa detentora da liberdade é considerada autônoma na visão de Freire, pois ao afirmar que “[...] a autonomia tem a ver com o que Freire chama de “ser para si” e no contexto histórico subdesenvolvido dos oprimidos para quem e com quem Freire escreve, autonomia está relacionada com a libertação”. (ZATTI. 2007, p. 38).

Freire propõe ainda que um ensino que seja voltado para a autolibertação, tenha um significado para o sujeito, que só poderá ser autônomo quando exercer sua liberdade em suas vivências diárias, seguindo suas razões e reflexões. Associando, então, autonomia à prática da liberdade, conjugado congruentemente, pensamentos, palavras e ações em comportamentos saudáveis, isto é, àqueles que produzam equilíbrio, harmonia e bem-estar para si, para os outros.

2.1 A PEDAGOGIA DA AUTONOMIA NA ATUALIDADE

No decorrer do desenvolvimento da educação no ambiente escolar, nota-se a importância dos educadores, e sabe-se que muitos auxiliam, de maneira clara e competente, com um ensino de qualidade, com meios didáticos apropriados, a facilitação na construção dos conhecimentos. No entanto, há uma parcela significativa de professores que não realiza um trabalho competente, como mediador, facilitador dos conhecimentos, agravando a educação básica em quase todos os níveis, isso fica claro quando se compara a educação brasileira com a dos

demais países, portanto, se utilizou os resultados do Brasil no IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica de 2015, numa análise geral de 70 países por meio do (PISA) Programa Internacional de Avaliação de Estudantes, aponta nossa posição na 63ª sendo uma das piores. Isso acontece em consequência da não efetivação da Lei e a defasagem em outros setores que influencia na organização educacional, tais como fatores econômicos, políticos e sociais. Isto se faz necessário ressaltar, redizer, para que marcadamente acentue uma visão para a mudança efetiva na solução deste problema.

Isso mostra que os resultados das pesquisas efetuadas até mesmo fora dos interesses do MEC são alarmantes para um país de grandes proporções, colocado entre as dez maiores economias do mundo.

Existem algumas explicações sobre estes índices negativos, esclarecimentos realizados pelos próprios profissionais da educação, em que até mesmo professores se desinteressem pelas atitudes dos alunos em sala de aula, justificando que não são minimamente educados, estão interessadas apenas em jogos, em conversas, amplamente desmotivados, gerando desmotivação para eles, professores, que além dessa variável, ganham pouco para o enfrentamento tão complexo que têm que realizar.

Refletindo sobre isso (GADOTTI, 1990) afirma que a expectativa por uma educação crítica e criativa haverá quando oferecer condições e comprometimento para a transformação social. Essas modificações acontecerão a partir da inserção de uma educação inovadora, que priorize a formação da criança para viver em coletividade, cooperando com o desenvolvimento social, de forma integral.

Em concordância com Gadotti, Freire (2008, p. 98) assevera que “[...] ensinar exigirá compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo.” Ou seja, será a partir das ações concretas de dignidade, de caráter, de compromisso com o social, que surgirão as mudanças necessárias para uma vida digna. Freire (2008, p. 103) ainda corrobora sua assertiva, aduzindo que “[...] tão importante quanto o ensino dos conteúdos é a minha coerência na classe. Coerência entre o que digo o que escrevo e o que faço.” Logo, o professor, em sala de aula, torna-se o exemplo mais próximo do bom proceder, o que a princípio pode influenciar na educação dos alunos.

Será na autonomia de seus exemplos que os alunos constituirão e mediarão suas experiências, suas decisões diante dos acontecimentos. Nesse sentido Paulo Freire assegura dizer que “[...] é nesse sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiência respeitosa da liberdade.” (FREIRE, 2008, p. 107).

É preciso saber escutar, mediando o aprendizado em que ambos aprendem professor e aluno - num encontro, a partir de suas vivências e experiências. O papel do docente, do magistério, desenvolve reflexões, solicitando análise do que foi proposto em sala. (FREIRE, 2008).

Deste modo Freire (2008, p. 123-124) diz que:

[...] uma das tarefas essenciais da escola, como centro de produção sistemática de conhecimento, é trabalhar criticamente a inteligibilidade das coisas e dos fatos e a sua comunicabilidade. É imprescindível, portanto, que a escola instigue constantemente a curiosidade do educando em vez de “amaciá-la ou domesticá-la. É preciso mostrar ao educando que o uso ingênuo da curiosidade alterada a sua capacidade de achar e obstaculiza a exatidão do achado. É preciso por outro lado, e, sobretudo, que o educando vá assumindo o papel de sujeito da produção de as inteligências do mundo e não apenas o de receptor da que lhe seja transferida pelo professor.

Nota-se então que o professor no processo de ensino e aprendizagem, não transmite conhecimento, mas, sim, auxilia no desenvolvimento do conhecimento de seus alunos, isso se dá devido à liberdade dada aos educandos em aprender, liberdade essa que tanto Gadotti, Zatti e Freire têm em comum em seus argumentos, para que seja efetuada a pedagogia da autonomia.

Gadotti (1990, p. 26) em sua reflexão percebe a necessidade de pensar a educação “[...] como prática da liberdade o contexto é o processo de desenvolvimento econômico e o movimento de superação da cultura colonial.” Em seu complemento, (FREIRE, 2008, p. 145), aborda a ideia de que questões como: “[...] para ensinar, para conhecer, para intervir, se faz na prática educativa como um exercício constante em favor da produção e do desenvolvimento da autonomia de educadores e educandos.” Desse modo, para se tornar um bom educador mediador da autonomia, na concepção dos autores citados acima, é preciso viver ativamente dentro da sociedade em sua totalidade, ou seja, em seus aspectos sociais, econômicos e políticos.

É indiscutível que a educação não pode de maneira alguma, ser vista de forma “[...] fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura reacionista.” (FREIRE, 2008, p. 145). A educação deve ser visualizada como um caminho para o pensamento autônomo, livre, que se faz na realização de um cidadão interdependente, que significativamente saiba lidar com os desafios no seu cotidiano.

Deste modo é indispensável uma educação por meio do diálogo e da liberdade de expressão e reflexão, para que surja uma prática autônoma dentro e fora da educação. (ZATTI, 2007). Dessa maneira, existe um fator na atualidade, que de modo geral, causa dificuldades no desenvolvimento e na formação da autonomia. A mídia, de certo modo, possui um grande domínio sobre a população, pois no século XXI, com o desenvolvimento de meios tecnológicos de massa e redes sociais, percebem-se suas influências na sociedade, sendo que em alguns momentos, elas inibem a realidade apenas focando seus interesses.

Este é um fator que colabora no desenvolvimento da heteronomia da população, auxiliada pelas redes sociais de massa que, em sua maioria, engendram sem bases concretas, ampliando informações destinadas a promover interesses de grupo, ou de minorias, ou de consumo, ou de outros valores que não contribuem para o desenvolvimento de ninguém. De acordo com Zatti (2007, p. 51):

As pessoas querem se tornar visíveis, o que está sendo possível às massas pelas novas tecnologias que possibilitam expor ao público a própria vida privada. Ao “se tornar visível, a vida privada se torna controlável e isso pode representar um risco à autonomia.”

A busca pela aparição acaba gerando automaticamente a heteronomia. O mesmo acontece com a educação, ao procurar soluções milagrosas que desenvolva a autonomia de educadores e educandos, pois para que isso aconteça é necessário primeiramente o reconhecimento de que a educação é o principal caminho para mudar a sociedade, em segundo plano é preciso que sejam realizados investimentos significativos em quase todos os setores educacionais para que assim se tenha um meio apropriado para o desenvolvimento de uma educação crítica e autônoma. (ZATTI, 2007).

De acordo com Paulo Freire (2008, p. 39):

A formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser tal modo concreto que quase se confunde com a prática.

Nesse sentido, a reflexão crítica sobre a prática educacional também é um caminho para o desenvolvimento da autonomia social. A reflexão sobre autoridade democrática de professores juntamente com seus alunos, necessita ver a técnica de educar como uma ação libertadora.

Sendo assim, na visão de Freire (2008, p. 90) “[...] É vivendo criticamente a minha liberdade de aluno e aluna que, em grande parte, me preparo para assumir e refazer o exercício de minha autoridade de professor.” Ainda continua dizendo em seu discurso que “[...] aluno que sonha com ensinar amanhã ou como aluno que já ensina hoje devo ter como objeto de minhas curiosidades as experiências a que venho tendo com professores vários e as minhas próprias, se as tenho, com meus alunos.” (FREIRE. 2008, p. 90). Então, a prática educativa envolve vários aspectos como: “[...] afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje.” (FREIRE. 2008, p. 142). Dessa forma, não existe sociedade sem a prática educativa, e nem prática educativa sem sociedade. Mas essa prática não é necessária apenas para a sobrevivência, e sim, é uma maneira de experiência cultural para que os sujeitos estejam aptos para viver em sociedade.

Segundo Libâneo (2013, p. 15) “[...] Por meio da ação educativa o meio social exerce influências sobre os indivíduos e estes, ao assimilarem e recriarem essas influências tornam-se capazes de estabelecer uma relação ativa e transformadora em relação ao meio social.” Ou seja, a partir da educação é que acontecem grandes transformações sociais. Mas é importante lembrar que esse aprendizado pode ocorrer tanto nos meios escolares como também nas influências sociais.

Pensando nisso, para que tenha no ambiente escolar uma educação democrática, deve-se levar em consideração a qualidade do aprendizado ocorrido e não a quantidade, pois isso mostra que o educando pode compreender literalmente o que foi proposto. Na visão de Soejima (2008, p. 30).

Uma educação que visa à formação voltada para a democracia não é caracterizada pelo número de conteúdos que foram “depositados” pelos professores em seus alunos, mas essencialmente pelo caráter crítico de participação, por meio do diálogo, de construção de cultura e de mundo, tendo em vista a formação política dos sujeitos.

Dessa maneira, um pensamento totalmente diferente da educação bancária que Freire fala em suas obras voltadas para a pedagogia da autonomia, que consiste no depósito de conhecimentos pelo educador e os alunos apenas decoram o que foi passado pelo professor, isso caracteriza um ensino totalmente tradicional, em que apenas o educador detém conhecimentos a ser trabalhado no ambiente escolar.

Esse modo de pensar é totalmente distante da proposta que Freire apresenta, pois em sua visão o aprendizado é construído por meio do diálogo e da interação sociocultural entre professor, aluno, entre outros que também estão ligados ao processo educacional. Seguindo o discurso Soejima (2008, p. 30), diz que:

Paulo Freire propõe que a educação é um processo de humanização e de constante construção dos indivíduos envolvidos na relação de ensino e aprendizagem. Por meio do contato com a cultura produzida histórica e socialmente pelas diversas gerações, o educando adquire a possibilidade de usufruir desta produção humana e de, efetivamente, participar dela. O indivíduo torna-se parte desta cultura, percebe-se enquanto ser histórico e reflexivo; existencia-se e imerge em um universo de buscas incessantes.

É necessário um olhar crítico sobre a formação dos professores, pois não é segredo que muitos saem das faculdades despreparados para atender as exigências de um ensino voltado para os reflexos dos seres humanos sobre suas ações, ou seja, muita das vezes, no ambiente universitário, reproduz muita teoria deixando a prática. Além do mais, existe um número muito elevado de educadores que estão neste ramo de trabalho por última opção, ou seja, que vêem o ato educacional como algo superficial e frio, sem importância.

De acordo com Fétizon (1978) apud Enge (2004, p. 24):

Sugeri em seu estudo que a própria licenciatura é fonte de estereótipos e preconceitos acerca da profissão docente, já que, “embora em nível superior, a formação de professores secundários constitui, desde o início, fora e dentro da Universidade, uma formação de *segunda categoria*, face aos demais cursos superiores” (p.164, grifos da autora). Paralelamente à

desvalorização social e econômica do magistério, isso acaba por estabelecer uma prática bastante prejudicial, uma vez que, entre os estudantes dos diversos cursos que se dirigem para a licenciatura, muitos se utilizam dessa profissão como um “‘bico’ ou ‘compasso de espera’ cuja única função é criar ‘empregos’ para a mão-de-obra ociosa da pesquisa especializada” (p.201).

Isso acaba colaborando com a defasagem na educação, pois sem dúvidas esse setor público é um dos mais importantes, pelo fato de proporcionar mudanças em um país, caso for efetivado de maneira correta.

Sendo assim, necessita-se manter a esperança que existem profissionais da educação focados em um ensino de qualidade que atenda as dimensões educacionais e suas especificidades, e que procure por meio de suas ações métodos apropriados que desenvolvam o pensamento crítico. Pensamentos esses, que buscam alternativas, para a resolução de problemas existente na sociedade, como, a corrupção de governantes, que apenas querem seus próprios benefícios, sem pensar no coletivo. Assim o ambiente escolar tem que ser visto como um meio, em que aconteçam essas críticas reflexivas, para que se tenham soluções adequadas.

3 AS VANTAGENS DE SE DESENVOLVER A PEDAGOGIA DA AUTONOMIA E IMPORTÂNCIA DO PEDAGOGO NESSE PROCESSO

Os professores necessitam estar comprometidos nas práticas pedagógicas, pois se tornam, por assim dizer, modelos que influenciarão direta ou indiretamente na formação de seus alunos, futuros cidadãos. No entanto, necessita-se “[...] saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria construção.” (FREIRE, 2008, p.47). Freire, ainda continua dizendo que em sala de aula o educador tem que estar “[...] aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, as suas inibições, um ser crítico e inquietor, inquieto em face da tarefa que a tenho ele ensinar e não a de transferir conhecimento.” (FREIRE, 2008, p. 47). Ou seja, o docente é o mediador entre os alunos e o conhecimento.

Na atual conjuntura que se encontra a educação hoje, percebe-se a desvalorização do educador em quase todos os sentidos. Segundo Freire (2008, p. 11):

Num momento de aviamento e de desvalorização do trabalho do professor em todos os níveis, a pedagogia da autonomia nos apresenta elementos constitutivos da compreensão da prática docente enquanto dimensão social da formação humana.

Por meio da Pedagogia da autonomia, buscará maneiras reflexivas de intervenção, sobre a importância dos profissionais da educação. Freire (2008, p. 11), ainda continua dizendo que:

Para além da redução ao aspecto estritamente pedagógico e marcado pela natureza política de seu pensamento, Freire, adverte-nos para a necessidade de assumirmos uma postura vigilante contra todas as práticas de desumanização. Para tal o saber-fazer da autorreflexão crítica e o saber-se da sabedoria exercitados, permanentemente, podem nos ajudar a fazer a necessária leitura crítica das verdadeiras causas da degradação humana e da razão de ser do discurso fatalista da globalização.

Nesse sentido, é oportuno lembrar que a educação, precisa ser visualizada como algo inacabada a qual passa por alterações ao longo de suas vivências. Portanto, o professor exerce um papel importantíssimo, em que guiará seus educandos ao mundo das ideias, respeitando sempre a curiosidade dos alunos e os conduzirá aos conhecimentos. Na visão de Freire (2008, p. 62):

Saber que devo respeito à autonomia, à dignidade e à identidade do educando e, a prática, procurar a coerência com este saber, me leva inapelavelmente à criação de algumas virtudes ou qualidades sem as quais aquele saber vira inautêntico, palavreado vazio e inoperante. De nada serve, a não ser para irritar o educando e desmoralizar o discurso hipócrita do educador, falar em democracia e liberdade mais impor ao educando a vontade de arrogante do mestre.

O professor tem que manter o respeito no trabalho com seus alunos, pois em sua prática irá lapidar os conhecimentos de seus educandos, como também os levará em busca de novos saberes. Além disso, a curiosidade acaba se tornando um dos principais meios para que tenha uma formação crítica, segundo Freire (2008, p. 36-37) “[...] quanto mais pomos em prática de forma metódica a nossa capacidade de indagar, de comparar, de duvidar, de aferir, tanto mais eficazmente curiosos nos podemos tornar e mais crítico se pode fazer o nosso bom senso.” É nesse aspecto que a superação do conhecimento empírico e passa a ter mais domínio de ideias verídicas com comprovações.

Freire (2008, p. 38) ainda continua em seu discurso dizendo que:

Ao pensar sobre o dever que tenho como professor, de respeitar a dignidade do educando, sua autonomia, sua identidade em processo, deve pensar também, como já salientei, em como ter uma prática educativa em que aquele respeito, que sei dever ter ao educando, se realize em lugar de ser negado.

Pensando nisso, o professor deve manter no ambiente escolar um lugar de respeito, em que todos se respeitem independentes de opiniões distintas. Freire (2008, p. 38), ainda continua dizendo em seu discurso, que:

Isto exige de mim uma reflexão crítica permanente sobre minha prática através da qual vou fazendo a avaliação do meu próprio fazer com os educandos. O ideal é que, cedo ou tarde, se invente uma forma pela qual os educandos possam participar da avaliação. É que o trabalho do professor é o trabalho do professor com os alunos e não do professor consigo mesmo.

Como profissional da educação, é preciso ser trabalhado os conteúdos com os alunos de maneira a que todos aprendam, sendo dessa maneira, manter um relacionamento adequado com os alunos. Nesse plano encontrou-se uma maneira de facilitar ações e atitudes entre o que é pensado e o que é feito, considerando “[...] a prática docente, especificamente humana, é profundamente formadora, por isso,

ética. Se não pode esperar de seus agentes que sejam santos ou anjos, pode-se e deve-se deles exigir seriedade e retidão.” (FREIRE. 2008, p. 38).

O ato de educar é visto como uma ação realizada por seres com princípios éticos, que buscam por meios didáticos auxiliar no crescimento intelectual dos educandos. Assim, a conduta do professor em sala de aula, e seu exemplo influenciam na formação dos educandos, como. No entanto, deve-se manter o esclarecimento que a formação autônoma é diferente de doutrinação. A doutrinação quando relacionada à educação, precisa ser bem específica em seu esclarecimento, devido ao fato que a escola, não pode permitir que seus educandos saiam desse ambiente como uma cópia de seus professores, mas sim que saiam da escola, com uma personalidade própria, a qual foi construída ao longo dos anos escolar.

Perceber também que o processo de ensino não consiste somente no aprimoramento e construção da intelectualidade e desenvolvimento interpessoal do indivíduo, mas sim estão voltados para a formação moral, afetividade e fatores físicos. Segundo Libâneo (2013, p. 107), o ensino e aprendizagem decorrem quando o professor em sua prática, “[...] estimula o desejo e o gosto pelo estudo; mostra a importância dos conhecimentos para a vida e para o trabalho; exige atenção a força de vontade para realizar as tarefas; cria situações estimulantes de pensar, analisar, relacionar aspectos da realidade estudada nas matérias.” Portanto, se preocupa com o aprendizado dos conhecimentos e sua ampliação, de maneira a desenvolver um pensamento independente. Portanto Libâneo (2013, p. 107) continua dizendo, que a “[...] realização consciente e competente das tarefas de ensino e aprendizagem torna-se, assim, fonte de convicções, princípios de ação, que vão regular as ações práticas dos alunos frente a situações postas pela realidade.” Em seu complemento, percebe-se que a uma formação a priori, e logo em seguida são colocados em práticas esses conhecimentos adquiridos.

O professor, em sua prática diária, auxilia no aprendizado de seus alunos, ou seja, os objetivos principais desse aprendizado é a formação do pensamento crítico por meio do ensino, portanto o aprendizado consiste no aprimoramento dos conhecimentos dos educandos, e também em aprender sobre novos assuntos que os alunos utilizaram em seu futuro. Neste caso o ensino consiste segundo Libâneo (2013, p. 108), em organizações “[...] sociopolíticos e pedagógicos, conteúdos e métodos escolhidos e organizados mediante determinadas posturas frente ao

contexto das relações sociais vigentes na prática social.” Por isso, ele acontece dentro do processo de ensino e aprendizado. Logo ensinar consiste em possibilitar aos educandos por meio da assimilação dos conteúdos e suas atividades diárias na busca de seu desenvolvimento crítico. De acordo com Libâneo (2013, p. 108):

O ensino crítico é engendrado no processo de ensino, que se desdobra em fases didáticas coordenadas entre si que vão do conhecimento dos conceitos científicos ao exercício do pensamento crítico, no discurso das quais se formam processos mentais, desenvolvem-se a imaginação, formando-se atitudes e disciplina intelectual; é nesse processo que o pensamento independente e criativo face a problemas da realidade social disciplinado pela razão científica.

Isso expressa que o educador crítico não apenas aponte as irregularidades sociais de nossa sociedade, mas que esteja engajado em encontrar soluções adequadas para resolver qualquer situação. Sendo assim, é preciso primeiramente entender os objetivos sociopolíticos e pedagógicos para que de maneira correta se tenha o domínio do conhecimento, o que estabelecerá uma ampliação da capacidade do pensamento tanto do professor como dos alunos, ocasionando em um pensamento independente, que ambos expressem suas dúvidas, indagações, convicções.

Observou-se também o educador como um profissional democrático na medida em que ele faz do diálogo uma ferramenta de sua didática, para que dessa maneira seus colaboradores reflitam sobre as tomadas de decisões e as consequências que essas podem causar em sua aplicabilidade. Segundo o pensamento de Soejima (2008, p. 31).

Segundo Freire a partir do estímulo à liberdade de escolhas e de tomada de decisões ao longo do tempo, é que o sujeito vai amadurecendo sua autonomia enquanto sujeito livre de escolhas e de tomada de decisões. A autonomia passa a configurar-se como a possibilidade de fazer escolhas e tomada de decisões, mediante a consciência das consequências que dela advém. O processo de construção autônoma dos educandos abarca a importância das diversas e múltiplas interações entre os sujeitos, dentro contexto histórico-social e mediados pela cultura.

Isso significa que a autonomia do indivíduo é construída ao longo de sua vida, na medida em que vivem novas experiências.

No processo de desenvolvimentos do aprendizado, a relevância na consideração das competências para o desenvolvimento da autonomia dos alunos.

Essas competências consistem em técnicas de aprender, fazer, conviver e ser. E também competências de habilidades sociais, relacionadas aos valores humanos. Em consequência disso nota-se que o pedagogo como mediador dos conhecimentos têm que ter domínio sobre essas competências para que se formem meios facilitadores na aquisição de informação. A seguir, como a autonomia desenvolve-se no ambiente escolar.

3.1 O DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA NO AMBIENTE ESCOLAR

Ao analisar os espaços educacionais, percebe-se que o ambiente escolar é considerado propício para a formação das pessoas em conhecimentos intelectuais, no entanto, a educação não pode ser somente discutida e encontrada nesse ambiente, mas sim o ato de educar existe na vida cotidiana de toda sociedade, portanto a educação pode ser considerada como uma das características da cultura de cada sociedade. A formação do aluno tem que acontecer não somente para uma autonomia do pensamento, mas também para que esses alunos tenham uma visão crítica sobre o mundo. Isso com objetivo de estabelecer adequadas descrições de valores, percepção e ação no decorrer de diferentes ocasiões da vida.

Acrescenta-se também que está assegurado pela Lei Federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) que os alunos da educação básica devem sair da escola com “[...] o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”. (LDB. 2013, p. 24). No entanto, na atualidade, a efetivação da Lei é barrada, e isso acontece principalmente devido a falta de infraestrutura nas escolas, e também, em consequência do descompromisso de governantes, que dão pouca importância a educação, pois se realmente estivessem sendo formadas pessoas críticas e autônomas, esse quadro caótico em que se encontra a educação e outros setores público não estariam acontecendo. Isso porque existiria uma cobrança a mais da população, em relação ao cumprimento de políticas públicas, fazendo com que os índices alterassem para melhor. Dessa forma, contribuiria com a formação de pessoas ativas em nossa sociedade, as quais participam das tomadas de decisões no meio onde estão inseridos, garantindo direitos e deveres a serem cumpridos de maneira igualitária sem qualquer tipo de exclusão.

Além disso, a formação crítica de alunos permite a construção de uma sociedade mais democrática, em que todos possuem direitos de se manifestar e decidir o que é melhor para o coletivo, superando dessa forma uma pedagogia repressora, desigual e injusta, buscando uma pedagogia autônoma que procura a liberdade. Freire (2008, p. 107), em seu discurso, afirma que a educação “[...] tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade.”

Diante da formação crítica e autônoma de alunos, ressalta-se a importância de um professor que também exerça essa dinâmica dentro da sociedade. Nessa visão, os professores são de fundamental importância para que haja um desenvolvimento completo de seus educandos, ou seja, em sala de aula o professor se encontra no papel de intermediário entre alunos e conhecimentos. Portanto, o aprendizado tende a acontecer por meio da reflexão, em que os alunos reflitam sobre os assuntos e construam suas próprias conclusões.

A pedagogia da autonomia também deve ser consistida a partir de métodos de ensino que permitem a formação crítica do indivíduo, pois quando o professor trabalha por meio da reflexão, faz com que os alunos pensem criticamente, procurando as melhores maneiras de intervenção sobre os acontecimentos que acontecem no dia-a-dia.

Desse modo o pedagogo pode trabalhar como um auxiliador dos alunos no desenvolvimento da autonomia de maneira consciente, sempre com objetivo de fazer com que os alunos pensem. Para um desenvolvimento melhor da pedagogia crítica, é necessário que os professores estejam qualificados de maneira autônoma também, pois influenciará na formação de seus alunos. Deve-se levar em consideração os saberes já existente em seus alunos. Segundo Freire (2008, p. 30).

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela - saberes socialmente construídos na prática comunitária - mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos.

Enfim, Freire busca em seus argumentos, uma educação que desenvolva nas pessoas um pensamento crítico e autônomo, ou seja, que a população tenha

uma participação significativa nas decisões que envolvem o coletivo. Isso acarretará como resultados o desenvolvimento de políticas públicas e organização da sociedade, com cidadãos pensantes, que sempre buscaram o bem de todos.

Para o desenvolvimento de maneira ampla e completa dos alunos, é preciso primeiramente a vontade do próprio educando de aprender, pois, sem a vontade dele a busca pelo conhecimento fica quase impossível. Também é necessária a vontade de mudança dos professores em buscar uma educação melhor, consciente que somos seres inacabados. Na visão de Freire (2008, p. 50):

Como professor crítico, sou um "aventureiro" responsável, predisposto à mudança, à aceitação diferente. Nada do que experimentei em minha atividade docente deve necessariamente repetir-se. Repito, porém, como inevitável, a franquia de mim mesmo, radical, diante dos outros e do mundo. Minha franquia ante os outros e o mundo mesmo é a maneira radical como me experimento enquanto ser cultural, histórico, inacabado e consciente do inacabamento.

Isso mostra o amadurecimento no pensamento dos educadores, pois é sábio reconhecer que não sabemos de tudo, seguindo preceitos de Sócrates com sua reconhecida frase "só sei que nada sei".

Ainda diante a essas ideias, a escola como o lugar ideal para que os alunos desenvolvam sua autonomia, pois o principal objetivo da educação hoje é que sejam formadas pessoas livres, autônomas e críticas, as quais atuem de maneira ética.

Nesse aspecto, o professor, em sua prática diária, tem que lidar com sua própria liberdade e autoridade, também lida com a liberdade de seus educandos, ou seja, manter o respeito aos pensamentos dos alunos o que auxiliará na formação de sua autonomia. Isso mostra a grande responsabilidade dos professores, pois para que haja um aprendizado de boa qualidade necessita-se de um educador bem esclarecido para que assim possa ajudar seus alunos no decorrer de seus aprendizados. (FREIRE, 2008). É também no ambiente escolar que o professor necessita manter a autoridade, sendo ele responsável pelos alunos no âmbito educacional.

De acordo com Freire (2008, p. 112-113):

A professora democrática, coerente, competente, que testemunha seu gosto da vida, sua esperança no mundo melhor, que atesta sua capacidade de luta, seu respeito às diferenças, sabe cada vez mais o valor que tem para a

modificação da realidade, a maneira consistente com que vive sua presença no mundo, de que sua experiência na escola é apenas um momento, mas um momento importante que precisa de ser autenticamente vivido.

Desta maneira, como educador não se pode querer mudar o mundo sozinho, e nem deve transmitir isso a seus alunos, mas sim tem que manter como foco a ideias de que a mudança; é possível, e que só vai acontecer quando todos estiverem ciente disso e dispostos à mudança, isso quer dizer que mudar sozinho é quase impossível, mas se todos estiverem abertos a mudanças, isso pode acontecer de modo mais rápido e eficiente. O que levará a outro conceito de fundamental importância para a pedagogia da autonomia, que é a educação democrática, uma educação em que todos participem das tomadas de decisões.

Porém na atualidade existe a ocorrência de práticas controversas a essa educação. Um exemplo a ser citado como os sistemas de avaliação, os quais consistem acontecer de maneira vertical, sendo de cima para baixo, conforme Freire (2008, p. 116) afirma que:

Os sistemas de avaliação pedagógica de alunos e de professores vêm se assumindo cada vez mais como discursos verticais, de cima para baixo, mais insistindo em passar por democráticos. A questão que se coloca a nós, enquanto professores e alunos críticos e amorosos da liberdade, não é, naturalmente, ficar contra a avaliação, de resto necessária, mas resistir aos métodos silenciadores com que ela vem sendo às vezes realizada. A questão que se coloca a nós é lutar em favor da compreensão e da prática da avaliação enquanto instrumento de apreciação do que fazer de sujeitos críticos a serviço, por isso mesmo, da libertação e não da domesticação. Avaliação em que se estimule o falar a como caminho do falar com.

É importante mostrar vertentes de como pode ocorrer o processo avaliativo tanto dos professores como também dos alunos, pois a avaliação jamais deve ser vista como forma de punição, mas sim como um instrumento pedagógico que guiará ambos para uma formação completa que procure sempre a superação.

É no ambiente escolar também que o professor, tem que manter o respeito e organização, sem que haja de maneira geral a inibição dos educandos. Portanto o professor precisa em sua prática diária, manter o bem entre todos em sala de aula, sem conflitos que possam vim a prejudicar o aprendizado dos alunos. Segundo Freire (2008, p.122) afirma que:

Sem bater fisicamente no educando o professor pode golpeá-lo, impor-lhe desgostos e prejudicá-lo no processo de sua aprendizagem. A resistência do professor, por exemplo, em respeitar a "leitura de mundo" com que o educando chega á escola, obviamente condicionada por sua cultura de classe e revelada em sua linguagem, também de classe, se constitui em um obstáculo à sua experiência de conhecimento.

Por isso a importância de ser um educador, pacificador que mantenha um ambiente tranquilo e prazeroso, para que o aprendizado flua de maneira natural e significativa, sendo vinculada a realidade dos alunos. É importante ainda saber escutar os alunos sempre dar valor a leitura de mundo que os mesmos possuem, e fazer desse conhecimento já existente o ponto de partida para um ensino crítico. Sendo assim a avaliação diagnóstica é indispensável no início de um processo de aprendizado, pois esse processo avaliativo permitirá que o professor conheça melhor seus alunos e os conhecimentos já existentes neles, para que de maneira eficaz auxilie no desenvolvimento de novos conhecimentos.

Caso o professor refute a leitura de mundo trazido por seus educandos, isso mostrará o contrário de democracia e transforma a educação em elitista, sendo que em seu processo de aprendizado aconteça de maneira tradicional, em que consiste com o depósito de conhecimentos dos professores em seus alunos. (FREIRE, 2008).

Ainda quando não se considera a leitura de mundo trazido pelos alunos, percebe-se também que o aluno não traz nada de conhecimento prévio, e isso não é verídico, felizmente temos a plena certeza de reconhecer que os alunos já possuem conhecimentos ao chegarem à escola. Informações essas advindas culturalmente no mundo em que estão inseridos e no contexto social de suas vivências. Por isso que na visão de Libâneo (2013, p. 75) o professor em sua prática pedagógica tem que "[...] assegurar aos alunos o domínio mais seguro e duradouro possível dos conhecimentos científicos." Isso garantirá mais eficiência no processo de ensino. Além do mais, o educador em sua prática segundo (LIBÂNEO. 2013, p. 75) também:

Que criar condições e os meios para que os alunos desenvolvam capacidades intelectuais de modo que dominem métodos de estudo e de trabalho intelectual visando a sua autonomia no processo de aprendizagem e independência de pensamento.

Orientar as tarefas de ensino para objetivos educativos de formação da personalidade, isto é, ajudar os alunos a escolherem um caminho na vida, a terem atitudes e convicções que norteiem suas opções diante dos problemas e situações da vida real.

Portanto, o processo de ensino e aprendizado dos alunos e professores acontece de maneira reflexiva por meio da assimilação, sendo que, desta forma, reflete sobre os assuntos discutidos para logo em seguida construir suas próprias conclusões, o que colabora para a formação intelectual de seus alunos.

Nesse anseio, o processo educativo é visto como a construção de uma formação política das pessoas. Na visão de Soejima (2008, p. 34) a “[...] formação política dos sujeitos caracteriza-se como dialógico, pois dessa maneira torna-se possível o estabelecimento de uma verdadeira comunicação de ensino e de aprendizagem entre os seres humanos.” Sendo estabelecidos por meio da interação de uns com os outros. Ainda na visão de Soejima (2008, p. 35).

O próprio ato de ensinar é um ato característico do ser humano e, portanto, é político. Visando a formação crítica do sujeito e a sociedade democrática, o ato de ensinar precisa fundamentar-se no poder como fortalecimento da construção da liberdade, já que exige o envolvimento do aluno, a vontade do aluno. Ninguém educa ninguém, mas a educação se constitui na comunhão entre os homens. Logo, o professor tem a função de compreender que, juntamente com os alunos, construirá uma aula dialogada e fundamentada tanto na voz ativa do educador quanto na do educando.

Isso mostra claramente uma educação democrática, que precisa da participação de todos os envolvidos nas tomadas de decisões, ou seja, ocorre o envolvimento de todos os membros, tais como, professores, coordenadores, diretores, alunos, pais e comunidade escolar. Esse comportamento faz com que haja satisfação e um bom trabalho nesse ambiente. Além do mais, vejamos a educação como um ato de busca por libertação do ser humano, dessa maneira a procura de conhecimentos por meio de a emancipação tornam seres autônomos. De acordo com Soejima (2008, p. 34) “[...] nas verdadeiras relações de ensino e de aprendizagem permeadas pela democracia, os educandos e respectivos educadores vão se transformando em reais sujeitos da construção e da elaboração de novos saberes sociais.” Portanto, a educação democrática é um dos principais meio para ter a formação de pessoas críticas.

Segundo Soejima (2008, p. 37) “[...] ninguém amadurece de repente, por exemplo, aos 25 anos. Os seres humanos têm sua autonomia amadurecida ao longo do tempo.” Isso faz com que essa maturidade volte-se para a própria pessoa, dessa maneira a autonomia consiste em uma ação que se concretiza no

decorrer dos anos, sendo assim é algo que vai acontecer de todas as formas sendo precoce ou tardio. A autora Soejima (2008, p. 37), continua dizendo que “[...] a pedagogia da autonomia precisa estar centrada em experiências que estimulam a tomada de decisão e da responsabilidade, em experiências respeitadas de liberdade.” Portanto, a ampliação da autonomia no ambiente educacional e nos alunos foi e ainda continua sendo produzida a partir de acontecimentos históricos e sociais, adquiridas pelas pessoas.

4 METODOLOGIA

A metodologia consiste em meios utilizados para chegar até os resultados da pesquisa. Na visão de Gil (2012, p. 8) para haver a consideração de um conhecimento científico é preciso “[...] torna-se necessário identificar as operações mentais e técnicas que possibilitam a sua verificação. Ou, em outras palavras, determinar o método que possibilitou chegar a esse conhecimento”. Logo o método é identificado como “[...] caminho para se chegar a determinado fim. E método científico como o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento”. (GIL. 2012, p. 8).

A análise do trabalho consiste em pesquisa bibliográfica, a qual segundo Gil (2012, p. 50):

É desenvolvida a partir de material já elaborado, construído principalmente de livros e artigos científicos. Em borá em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas, assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdo.

Essa maneira de pesquisar tem como benefícios, o estudo de uma grande quantidade de conteúdo sem ir a campo, ou seja, tem acesso por meio de textos já escritos.

Nesta pesquisa optou por meios utilizados para a realização da pesquisa optou-se por uma abordagem qualitativa de análise bibliográfica. Pesquisas em livros, artigos e periódicos, com objetivo de ter fundamentos teóricos que serviram de base para a escrita do trabalho. Isso garantirá credibilidade na pesquisa, devido sua escrita ser por meio de materiais seguros tendo presente algumas teorias já comprovadas.

Segundo Marconi e Lakatus (2011, p. 269) na metodologia qualitativa “[...] preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornecer análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento, etc”. Sendo assim neste método se tem um reconhecimento prévio sobre o assunto a discutir, conforme Marconi e Lakatus (2011, p. 271) “[...] não se admite regras precisas,

como problemas, hipóteses e variáveis antecipadas, e as teorias aplicáveis deverão ser empregadas no decorrer da investigação”.

A pesquisa pode ser classificada por natureza básica ou pura, ou seja, tem como objetivo a elaboração de novos conhecimentos de relevância para o avanço do conhecimento com aplicação teórica que envolve o interesse de educadores e educandos. Portanto para que seja uma pesquisa confiável, teve a necessidade de utilizar materiais científicos, o qual tem informações organizadas, sendo fontes confiáveis que contribuíram no desenvolvimento do trabalho.

5 CONCLUSÃO

Ao encerrar esta etapa da pesquisa, pode-se concluir que a educação sempre esteve bem estruturada teoricamente, no entanto, na prática pouco se realizou para que pudesse haver um ensino de boa qualidade. Porém de acordo com o estudo realizado, foi constatado que o pedagogo pode, sim, colaborar com o desenvolvimento da autonomia de seus alunos, sendo que o educador irá trabalhar como um auxiliador na formação autônoma dos educandos. Isso fica bem claro quando são mencionados alguns pensadores que discorrem sobre a prática docente, como por exemplo, Paulo Freire, Gadotti, Zatti, entre outros que foram essenciais para a elaboração do trabalho.

Além do mais, alguns conceitos são mencionados para que se tenha uma pedagogia formadora de autonomia. Outra maneira de se ter uma educação com princípios formadores da intelectualidade é a participação efetiva de toda a comunidade escolar no auxílio ao desenvolvimento do aprendizado, ou seja, a participação de coordenadores, diretores, professores, alunos, pais e comunidade externa. Isso fará com que a sociedade de modo geral, mostre seu interesse pela busca da qualidade educacional.

No entanto, a educação na atualidade, ainda tem problemas, principalmente quanto à defasagem no ensino aprendizado dos alunos, dificultando o desenvolvimento do pensamento crítico dos discentes, isso fica bem claro quando são divulgados resultados de avaliações aplicadas no país, com objetivos de ter uma visão ampla de como está a educação brasileira. Além do mais, esse assunto é frequentemente divulgado nos meios de comunicação, deixando visíveis os problemas enfrentados pela educação.

É oportuno lembrar que o acréscimo da autonomia na sociedade consiste em um dos caminhos mais eficazes para que aconteçam mudanças em um país, pois com a formação autônoma e crítica, a o esclarecimento de assuntos econômicos, políticos e sociais, possibilitando que a população participe do desenvolvimento da sociedade.

Fica claro, também, a importância da autonomia dos professores no ambiente escolar dessa maneira, isso faz com que os educadores sirvam de exemplo para seus alunos, mantendo um ambiente favorável para que ocorra um

aprendizado de qualidade. Porém, para que aconteça a efetivação dessa educação, é necessário que haja um comprometimento maior por parte de nossos governantes e da população, pois este é considerado um dos principais meios para que aconteçam mudanças no país. Sendo assim é preciso um olhar mais atentamente para a educação.

Deste modo os objetivos propostos pela pesquisa foram todos esclarecidos sem grandes dificuldades, isso devido ao estudo bibliográfico realizado durante a escrita do trabalho. Também se percebe a relevância do trabalho para o meio educacional, em que o mesmo posteriormente servirá como um referencial para outras pesquisas e mostrará informações importantes para integrantes da comunidade escolar.

REFERÊNCIAS

Brasil. [Lei Darcy Ribeiro (1996)]. **LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** 8. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013.

ENGE, Janine Schultz. **Da universidade ao mundo do trabalho:** Um estudo sobre o início da profissionalização de egressos do curso de licenciatura da USP (1994 - 1995). São Paulo, 2004, Dissertação de (Mestrado Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br>> Acesso me 16 Maio 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia saberes necessários à prática educativa.** 37ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** 9ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. **Pensamento pedagógico brasileiro.** 3ª ed. São Paulo: Ática S.A. 1990.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6 ed. São Paulo: Atlas, 2012.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 6ª Ed. São Paulo: Atlas, 2011.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** 2 ed. São Paul: Cortez, 2013.

MARQUES, Maria Elizabeth. **Autonomia-heteronomia:** Um aprendizado nas Sombras do passado. Belo Horizonte Faculdade de Educação da UFMG, 1999. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br>> Acesso em: 14 fev. 2016.

Ministério da educação. MEC. Ideb. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/ideb-sp-1976574996>> Acesso em: 17 mar. 2016.

SOEJIMA, Fatima Mitie. **Educação e formação humana:** uma discussão sobre o conceito de autonomia discente. São Paulo, 2008, Dissertação (Mestrado—

Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: Psicologia e Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br>> Acesso em: 28 fev. 2017.

ZATTI, Vicente. **Autonomia e educação em Immanuel Kant e Paulo Freire**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.